

Cadernos de estágio

O papel da escola na formação de leitores: relatório do Estágio Supervisionado II de Língua Portuguesa

Vitoria Marina Martins Fernandes ¹

Informações

1 vitoriamarina4@hotmail.com

Como citar este texto

FERNANDES, Vitoria Marina Martins. O Papel da escola na formação de leitores: Relatório do estágio supervisionado II de Língua Portuguesa. Cadernos de Estágio, v. 8, n. 2, 2026. DOI: [10.21680/2763-6488.2026v8n2ID42618](https://doi.org/10.21680/2763-6488.2026v8n2ID42618).



RESUMO

O presente artigo apresenta as vivências e reflexões de uma discente do curso de Licenciatura em Letras Vernáculas da Universidade Federal da Bahia (UFBA), cursando a disciplina Estágio Supervisionado II de Língua Portuguesa. Esse estudo compreende o estágio como um espaço de pesquisa, fundamental para a formação de um professor-pesquisador crítico. A análise feita sobre o papel da escola na formação de leitores elucida uma questão fundamental a ser discutida e estudada dentro da educação, e as experiências relatadas neste trabalho contribuíram para a formação teórico-prática da discente, e evidenciaram a importância do estágio na sua trajetória acadêmica.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado; Formação de Leitores; Estágio como Pesquisa; Literatura nas Escolas.

INTRODUÇÃO

2

Esse relato começa refletindo e analisando como surgiu a questão que fez a discente pesquisar e escrever sobre a literatura nas escolas, e a razão fundamental está diretamente ligada ao fato de se considerar uma leitora apaixonada pela literatura, na sua trajetória acadêmica e pessoal. Ingressou em 2016 na graduação de Letras Vernáculas na Universidade Federal da Bahia (UFBA), justamente pela sua paixão por livros, e o seu hábito de leitura que adquiriu ao longo da vida, tendo como principal influência a escola, não só a matéria de Língua Portuguesa e seus professores, como também os projetos literários e os livros compartilhados com amigas. Porém, foi dentro da universidade que a visão sobre leitura, literatura e educação se amplificaram.

Dentro da grade de Letras Vernáculas a disciplina Estágio Supervisionado II de Língua Portuguesa está no último semestre da licenciatura, e é precedido pelo componente Estágio Supervisionado I de Língua Portuguesa, no qual o discente tem como experiência o processo de observação das aulas, conhecendo de perto a realidade escolar. Em contrapartida, o segundo estágio é dividido entre observação, coparticipação e regência, e traz de experiência o lugar de destaque dentro da sala de aula e a necessidade de colocar em prática alguns dos aprendizados do semestre anterior e do que foi aprendido ao longo da graduação inteira. Durante o semestre, nas aulas do componente curricular na universidade, houve momentos dedicados a conversar, pensar e refletir sobre questões sociais e humanas importantes que

precisavam ser discutidas dentre de uma formação consciente e crítica, que se preocupa com as diferentes realidades que podem ser encontradas em sala de aula.

Esse trabalho apresenta o Estágio Supervisionado II de Língua Portuguesa realizado em um Colégio Estadual, da cidade de Salvador, Bahia. O relatório foi escrito na perspectiva de estágio como um lugar de pesquisa, para compreender e problematizar situações vividas na formação docente, utilizando como embasamento teórico Pimenta e Lima (2006), em Estágio e docência: diferentes concepções, onde discorrem sobre o tema:

Entendemos que o estágio se constitui como um campo de conhecimento, o que significa atribuir-lhe um estatuto epistemológico que supera sua tradicional redução à atividade prática instrumental. Enquanto campo de conhecimento, o estágio se produz na interação dos cursos de formação com o campo social no qual se desenvolvem as práticas educativas. Nesse sentido, o estágio poderá se constituir em atividade de pesquisa (Pimenta; Lima, 2006).

3

Além dessa perspectiva, o trabalho também se ancorou na concepção de linguagem e ensino de Língua Portuguesa proposta por Geraldi (2002), que analisa o processo de ensino, refletindo sobre “o que e como ensinamos” ser um ato político. Assim como, a polissemia da noção de leitura proposta por Orlandi (2012), numa perspectiva discursiva da reflexão sobre leitura. A pesquisa e a elaboração desse trabalho foram norteados por uma questão que surgiu durante as observações feitas no Estágio Supervisionado I. Qual seria o papel da escola na formação de alunos leitores? E como a leitura pode ser uma unidade de ensino transformadora e uma importante aliada na formação dos alunos, não só escolar, mas também como ser social e pensante?

É inegável que a escola e os professores de Português observados durante os dois estágios tinham diferentes experiências e proporcionaram diferentes momentos vividos ao longo dos dois semestres, o que impacta a forma como a discente se portou na regência, escolhendo distanciar-se de uma concepção de linguagem como expressão do pensamento, que é pautada exclusivamente na gramática tradicional. Em determinado momento, o professor orientador utilizou a linguagem como forma de interação, prática que estaria mais próxima da concepção da linguística da enunciação comentada por Geraldi (2002) em que:

A discussão aqui proposta procurará se situar no interior da terceira concepção de linguagem. Acredito que ela implicará uma postura educacional diferenciada, uma vez situa a linguagem como o lugar de constituição de relações sociais, onde os falantes se tornam sujeitos (Geraldi, 2002, p. 41).

Assim como Geraldi (2002), a discente observou que a linguagem como forma de interação é um dos caminhos para aproximar os alunos em sala de aula com os as-

suntos e conteúdos necessários para a disciplina, sem perder o caráter social e sem deixar de fazer o aluno pensar e refletir sobre questões importantes, e a leitura se apresenta como uma boa forma de aproximar esses alunos da realidade e dos conhecimentos escolares e sociais necessários para a formação. A relação entre teoria e prática que está presente nas atividades de estágio foi fundamental para ampliar a visão e os pensamentos acerca da educação, tanto os textos teóricos discutidos em sala quanto a própria vivência de observação em colégio público foi fundamental para uma melhor dimensão do papel da educação, e mais especificamente da leitura dentro desse processo. O lado teórico e pesquisador do Estágio Supervisionado foi uma experiência positiva, ao modo que cada conversa e reflexão se mostrou para construir um ensino-aprendizagem, assim como a boa relação professor-aluno.

Desse modo, analisando o pensamento de Pimenta e Lima (2006) foi fundamental para essa formação docente o aspecto pesquisador do Estágio Supervisionado, que se deslocou de um lugar apenas de observação e imitação de comportamentos e condutas, para um lugar de verdadeira reflexão e construção de um professor-pesquisador crítico.

Portanto, o papel da teoria é oferecer aos professores perspectivas de análise para compreenderem os contextos históricos, sociais, culturais, organizacionais e de si mesmos como profissionais, nos quais se dá sua atividade docente, para neles intervir, transformando os. Daí, é fundamental o permanente exercício da crítica das condições materiais nas quais o ensino ocorre (Pimenta; Lima, 2006).

4

Relato sobre o estágio

O estágio começou com uma pequena reunião organizada pelo professor orientador com os cinco discentes que tinham interesse em realizar o estágio naquele Colégio Estadual, e foi definido que um grupo iria começar com o Círculo de Cultura, que seria uma oficina visando auxiliar no desenvolvimento da leitura e escrita de alguns alunos, e o outro grupo iria para a regência em sala de aula nas turmas do Ensino Fundamental II. O primeiro passo para a oficina foi uma avaliação diagnóstica para que pudéssemos conhecer os alunos e entender quais as dificuldades que cada um apresentava. Nessa fase, fiquei responsável pela avaliação de um aluno do 7º ano que se mostrou tranquilo e participativo, começamos a conversa com algumas perguntas pessoais e ligadas a escola que ele frequenta, sendo fundamental criar um ambiente acolhedor e leve, para que não ficasse parecendo uma entrevista. No primeiro momento o que chamou atenção foi o fato do aluno não saber responder algumas questões “simples” sobre ele mesmo, por exemplo: nome completo, dia e mês do nascimento, entre outras informações pessoais. Até então

não tinha começado a atividade escrita, e conversamos um pouco mais, guiados pelo material que foi disponibilizado pelo professor orientador.

Na segunda fase da atividade pude perceber que o aluno não sabia ler sozinho e que também tinha uma grande dificuldade na escrita, durante toda a atividade a única palavra que ele escreveu “corretamente” foi o próprio nome. Em contraste com a escrita, na fala o aluno sabia se comunicar muito bem, percebi que a maioria das palavras que foram pedidas no ditado ele sabia quantas letras tinha, mas não sabia quais letras eram necessárias para formar a palavra. Ficou evidente um domínio maior sobre as vogais, fazendo uso de todas, já nas consoantes o aluno apresentava bastante dificuldade, não sabendo como escrever algumas letras, dificultando o reconhecimento, por isso, o aluno não conseguia escrever a palavra solicitada na atividade. Esse processo de escrita incompleta fazia com que ele tivesse muita dificuldade na formação de frases completas e consequentemente de uma escrita contínua, evidenciando que o aluno ainda estava em processo de alfabetização, sendo necessário pensar em como seria feita a atividade de leitura e escrita dentro das oficinas. Sendo a leitura essencial para a escrita e Conceição Evaristo elucida muito bem essa afirmação em seu discurso de primeira homenagem na Olimpíada de Língua Portuguesa de 2019, em:

5

A escrita é uma experiência sobre tudo que você aprendeu, tudo que escutou, tudo que leu, tudo que observou, tudo que vive. Ela não parte do nada [...] Se a escola valorizar esses lugares como lugares importantes na vida e experiência do aluno, ela vai despertar [neles] esse desejo de escrita [...] Um dos elementos que podem bloquear [a escrita] é a falta de leitura [...] O excesso de leitura – estou falando da possibilidade de leitura em grande quantidade – provoca o desejo de escrita (Evaristo, 2019).

Começando com a regência no Círculo de Cultura, depois da avaliação diagnóstica, as oficinas começaram com atividades de letramento utilizando letras móveis para aperfeiçoar a escrita e a leitura, também foi utilizado atividades de completar palavras, jogos educativos, ditados e outros mecanismos de aprendizagem. Infelizmente não houve tempo suficiente para conseguir enxergar um progresso consistente no aluno do 7º ano que não sabia ler e escrever, mas o início do processo foi proveitoso para que o aluno se sentisse cada vez mais próximo da escola e entendesse esse espaço como um lugar acolhedor, em que as atividades foram usadas para aproximar o estudante da educação e de forma lúdica introduziu a leitura e escrita na sua vida. Iniciativas como o Círculo de Cultura, são fundamentais para que esse e outros alunos possam progredir na aprendizagem, mesmo quando parece que o sistema educacional desistiu de tentar. Num segundo momento, começou a observação das aulas ministradas pelo professor orientador nas turmas de 6º a 9º

ano, no qual o conteúdo girava em torno de gêneros textuais, como, por exemplo: cartas e cartão postal. Nesse período, a discente e o professor orientador acompanharam a turma do 9º ano em um passeio para o Museu de Arte da Bahia e o Museu de Arte Contemporânea da Bahia.

Após um breve período de observação, iniciou-se a coparticipação em que acompanhou o professor em algumas aulas ministradas no Ensino Fundamental II, nas quais a discente começou a se familiarizar com o papel central do professor, tomando algumas vezes a frente nas perguntas e explicações, mas também podendo ficar mais reclusa no quadro ou na chamada. O suporte do professor orientador foi fundamental para lidar com a ansiedade e a timidez nesse processo de docência. No período de regência, estivemos na maioria das vezes com mais de um estagiário, ministrando as aulas em dupla ou trio e a única experiência completamente individual foi na aula feita conforme a nova exigência prática do ENADE para licenciaturas. As aulas foram tranquilas já que as tarefas estavam divididas entre os discentes, estávamos no processo de ensinar sobre lendas populares, contos da literatura indígena e ancestralidade, conectando esse assunto com a vivência dos alunos, e também pensando em como esse assunto poderia se transformar em diferentes formas de produções artísticas. Nas turmas de 6º e 7º ano o trabalho foi com a leitura do texto *Hariporia, a origem do açaí*”, do povo Saterê-Mawé, que está presente no livro *Nós: uma antologia de literatura indígena*. A partir disso, os alunos produziram suas próprias tintas com material orgânico e pintaram algo referente a história. No 8º ano, a aula envolveu a leitura do mesmo conto, mas houve o acréscimo de uma atividade sobre lendas populares, na qual eles precisavam escrever sobre alguma lenda conhecida por eles, instigando a memória de histórias contadas de geração em geração. No 9º ano, as aulas continuaram sendo sobre lendas populares, mas a produção artística foi um documentário com alunos, professores e colaboradores da escola contando suas experiências e conhecimentos sobre o assunto.

6

O papel da escola na formação de leitores

Depois das observações feitas ao longo do semestre passado, a discente refletiu sobre qual seria o papel da escola no incentivo à leitura, visto que esse é um grande problema na educação brasileira e diz respeito a vários fatores na sociedade atual. Também pensou sobre o conceito de Fracasso Escolar no Brasil, que foi pesquisado pela psicóloga Maria Helena Souza Patto, e demonstrou que as causas são múltiplas, e podem sinalizar uma dificuldade de aprendizagem, problemas individuais e/ou familiares, escassez de professores, falta de organização escolar, problemas no

planejamento de conteúdo, nas ferramentas de aprendizagem, e principalmente pelo contexto social, cultural e político. A partir desse estudo, se faz compreensível que faz parte do papel escolar incentivar a leitura, e formar alunos leitores, que vão utilizar disso para formar um pensamento crítico, e assim, ter acesso a outras vivências, outras aprendizagens e maior possibilidade no contexto mais amplo da vida. No estágio anterior o conto Olhos D'Água, de Conceição Evaristo, foi lido em sala durante o período de observação e provocou a questão principal desta pesquisa, entender a importância da leitura. Em paralelo, surgiu a recordação da própria autora comentando sobre o uso de seus contos e textos em sala de aula.

Hoje, ver meu texto chegar à escola pública, às classes populares, ser representativo de grupos sociais, homens, mulheres e crianças, negros ou não, mas que experimentam formas de subalternização... é tudo que eu queria. Para mim a literatura só faz sentido se convocar as pessoas. Eu me sinto muito grata à vida de poder, aos 73 anos, ter esse retorno, essa homenagem (Evaristo, 2019).

Ainda pensando no ensino de Língua Portuguesa, Evaristo comenta o que aprendeu em seus anos de dedicação a educação básica como professora:

O ensino da língua não pode ser o que castra as pessoas. Muitas vezes, o aluno chega à escola com uma competência linguística, com uma capacidade de verbalização e de oratura (pensando como literatura oral) muito grande e ele perde isso. E além dessa perda, muitas vezes ele não adquire a competência daquilo que a escola obrigatoriamente teria de oferecer. [...] a escola deve ser lugar de emancipação da linguagem, não de dominação da linguagem. Um lugar de aprendizagem, não de esquecimento daquilo que o aluno traz, sem espaço para ele apresentar essa experiência, seu conhecimento (Evaristo, 2019).

7

No Estágio Supervisionado II, a discente escolheu continuar trabalhando com literatura dentro da sala de aula, refletindo sobre o papel da escola na formação de alunos leitores, dessa vez utilizando o texto “Hariporia, a origem do açaí”, do povo Saterê-Mawé, em 3 das 4 turmas que acompanhou nesse período, e estudar a literatura indígena é justamente pensar no lugar da literatura como representatividade, como história e ancestralidade, além da reflexão sobre a sociedade em que vivemos e os questionamentos que isso gerou durante as aulas. No começo utilizamos o conceito de árvore genealógica para conversar com os alunos sobre ancestralidade e seus parentes, deixando o assunto cada vez mais próximo do aluno, assim quando começamos a leitura do texto escolhido, conseguimos uma melhor recepção e compreensão por parte dos alunos. Foi enriquecedor acompanhar na prática como a leitura fez com que os alunos questionassem a sua própria história e da sua família, assim como a do Brasil no geral, refletindo sobre ancestralidade, sobre os povos originários e sobre a cultura brasileira. Além disso, a produção artística enriqueceu

o trabalho que estava sendo feito com os alunos e transformou em uma experiência relevante para a formação dessas turmas.

Pensando nisso, a leitura parece ser uma excelente forma de trazer o aluno para perto da educação, do professor e da escola. A leitura como unidade de ensino seria um paralelo com a análise do discurso e o texto como unidade de ensino, já que articula com o sócio-histórico do aluno e suas vivências.

Assim posto, a Análise do Discurso aponta para um novo horizonte quanto ao estudo do texto, uma vez que não o concebe apenas pelo viés linguístico, mas, sobretudo, considera a sua articulação com o sócio-histórico, aspecto constitutivo do próprio texto. À luz destas considerações, encaramos o texto como unidade de ensino com matizes específicos que apontam para produções e efeitos de sentidos, afastando-se das tradicionais interpretações textuais de cunho conteudístico (Campina, 2007).

Retratos da leitura no Brasil

8

Conforme as pesquisas feitas pela 6ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada pelo Instituto Pró Livro em parceria com o Itaú Cultura em 2024, mostrou que o Brasil pela primeira vez tem mais pessoas não leitoras do que leitores, além desse, foram observados outros dados alarmantes sobre a leitura no país. O brasileiro lê pouco, em média 3,96 livros por ano, analisando um recorte em que a maioria dos grandes leitores são pessoas privilegiadas na sociedade, em uma perspectiva de raça, classe e gênero. Se faz necessário analisar mais a fundo, refletindo sobre a discrepância entre leitores, tendo o preço do livro também como um dos culpados desse déficit de leitores no país, além da desigualdade social e outras camadas históricas e políticas que limitam o acesso aos livros. Pensando justamente nesse lugar da leitura dentro das escolas, vemos que a maioria dos autores lidos estão situados em uma literatura considerada clássica, que tem seus livros vinculados a assuntos da história e da literatura brasileira e aos vestibulares, outro exemplo são os livros religiosos, como a Bíblia, que continua sendo o livro mais lido do país. A falta de incentivo para que o aluno leia outras coisas também pode ser um dos motivos pelo quais as pessoas, em especial os estudantes, não tenham interesse em ler, não sentindo que são representados nos livros e acreditando que a leitura envolve uma linguagem difícil e inacessível. Além disso, a internet e o uso constante de celular também se mostram um empecilho para que os jovens tenham interesse em livros.

Em destaque, os professores são apontados como principais incentivadores da leitura, mostrando o papel fundamental da escola nesse processo de criar novos leitores, e de como essa tríplice aliança entre o incentivo do professor, a parceria das escolas e o investimento de órgãos públicos da educação podem levar conhe-

cimento e transformar a vida desses alunos leitores. A existência das bibliotecas e o incentivo de ocupar esse espaço importante e gratuito das escolas, universidades e cidades, são fundamentais para a formação do repertório de vida desse aluno, possibilitando novos acessos e estímulo para estudos futuros. Como disse Conceição Evaristo em seu discurso:

A escola e os professores têm responsabilidade grande, principalmente quando se pensa em escola pública, em que a maioria dos alunos vem de classes populares, em que grande parte dos alunos vai ter contato com o objeto livro ou ter possibilidade de leitura e escrita na escola. A escola tem que ser um lugar que propicia essa atividade, e não um lugar que iniba essa atividade (Evaristo, 2019).

Considerações finais

9 Esse trabalho teve como principal ponto a narrativa das experiências vividas no Estágio Supervisionado II, no qual a discente lecionou pela primeira vez em um colégio, e que aprendeu mais sobre educação e o ensino-aprendizagem. Além disso, o trabalho foi fruto de uma questão que surgiu ainda no primeiro Estágio de Observação, que levou a pesquisa sobre a importância da leitura na formação de alunos leitores, com o papel fundamental das escolas, dos professores e da educação no geral. O estágio foi fundamental para a formação dos discentes e durante as aulas na universidade, todos concordaram que as disciplinas de estágio deveriam ser maiores e mais distribuídas ao longo da graduação de Letras, de modo que fosse introduzido no início do curso e que fosse dividido ao longo da formação, pois apenas duas matérias de estágio no fim da graduação acabam sendo bem corridas e desafiadoras. Entendendo o lugar do estágio também como um ambiente de pesquisa, foi essencial escolher um tema do gosto pessoal da discente e relevante como a literatura, conseguindo mesclar esse estudo com o que já tinha sido planejado como conteúdo para sala de aula, podendo unir a vivência da docência com a necessidade de pensar mais sobre a leitura e observar de perto o seu impacto dentro da escola.

Referências

ALMEIDA, Marina. Final da Olimpíada de Língua Portuguesa: experiência que vale ouro - Escrevendo o Futuro, **Escrevendo o futuro**, 2019. Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/sobre-o-programa/406/final-da-olimpiada-de-lingua-portuguesa-experiencia-que-vale-ouro>. Acesso em: 25 ago. 2024.

CAMPINA, Teresa Neuma de Farias. (RE)VISITANDO O TEXTO COMO UNIDADE DE ENSINO: UMA LEITURA DOS GÊNEROS QUE NÃO SE LÊEM NA ESCOLA. **IV Seminário “Práticas de leitura, gênero e exclusão”** Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2007. Disponível em: https://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/seminario03.htm. Acesso em: 20 ago. 2024.

EDIÇÃO, 6ª. **Retratos da leitura no Brasil**. Disponível em: https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2024/11/Apresentac%C3%A7%C3%A3o_Retratos_da_Leitura_2024_13_11_SITE.pdf. Acesso em: 09 jan. 2025.

GERALDI, João Wanderley. Concepções de linguagem e ensino de português. In.: **O texto na sala de aula**. Editora: Ática, São Paulo, p. 39-46, 2002.

IILP. Escolas são fundamentais para incentivar leitura, diz escritora. **Blogue do Instituto Internacional da Língua Portuguesa**, 2019. Disponível em: <https://iilp.wordpress.com/2019/02/22/escolas-sao-fundamentais-para-incentivar-leitura-diz-escritora/>. Acesso em: 25 ago. 2024.

10

LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poíesis**, v. 3, n. 3 ed. 4, p. 5-24, 2005/2006.

NEGRO, Mauricio (org). **Nós: uma antologia de literatura indígena**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. A polissemia da noção de leitura. In: **Discurso e leitura**. 9 ed. Editora: Cortez, São Paulo, p. 7-15, 2012.